

Liberdade ao sabor das conveniências - Os cidadãos e nós outros

A dualidade de critérios em política é uma realidade permanente. Hoje há os terroristas e os lutadores pela democracia. Temos os bons que destroem e matam em nome da democracia e temos os maus que violentam e matam fora da ordem estabelecida. Os ricos e poderosos reúnem sempre na mais completa legalidade e fazem-no sempre para bem dos povos e da boa ordem democrática, mesmo quando das suas decisões resulta mais pobreza, mais marginalização, mais poluição, mais fome, mais destruição, mais infelicidade e morte. Os que se organizam para contestar estas medidas e para propor outras em sua substituição, são considerados arruaceiros, perigosos terroristas, bandidos, nos melhores dias são tidos como irresponsáveis e parvos. Para com eles o poder e os seus ventríloquos, nas palavras de Mário Mesquita, têm ou bordoadas ou um profundo desprezo.

Por todo o mundo alarga-se o fosso entre os cidadãos e (nós) os outros. Os que têm direitos por estarem com o pensamento dominante e os que não têm direitos por terem outras visões do mundo. É preocupante que esta doença galopante também esteja a tomar conta dos países que fazem a União Europeia.

Os actos de violência da polícia espanhola praticados contra cidadãos portugueses que queriam participar numa manifestação em Sevilha, no fim de Junho, são de todo condenáveis e merecem um profundo repúdio. Mostram que o governo espanhol concedeu a si próprio o direito de dar ou retirar direitos de cidadania a seu belo prazer. É caso para nos interrogarmos se em vez de serem cidadãos e alguns deputados portugueses fossem franceses, ingleses ou alemães, se a polícia e o governo espanhóis teriam o mesmo comportamento. Se os cidadãos e deputados espancados fossem militantes da Opus Dei, a caminho duma sua manifestação, teriam o mesmo tratamento? Compete aos governos dar ou retirar direitos de cidadania? Será que lhes compete passar atestados de bom ou mau comportamento político em função da sua própria ideologia? A bitola para medir comportamentos políticos é a dos senhores Bush, Aznar ou Blair?

Perante estes acontecimentos reprováveis a atitude do nosso Presidente da Assembleia da República é de enaltecer. A atitude cobarde e subserviente do 1º ministro português e do resto do seu governo, merece uma viva condenação.